

CANDOMBLÉ E DIREITOS HUMANOS NA LINHA DE FRENTE DAS LUTAS DO OBÁ DE XANGÔ DA BAHIA: UM CAPÍTULO NOS 100 ANOS DO PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO

Alex Pereira de Araújo

1. LARÓYÈ, EXU: PERMISSÃO PARA COMEÇAR

Em se tratando da obra de um autor que produziu uma literatura que cultiva o povo que cultua o Axé¹, essa energia que move o cosmo, sinto-me na obrigação de saudar Exu, o orixá regente das trocas, do sexo [encontro carnal de corpos], da comunicação cuja boca fala pelo ifá. Ele, na tradição [diaspórica] jeje-nagô, também é responsável pela energia que move nossos corpos e tudo que é vivo no cosmo. Na cultura Bantu, é evocado como Pombajira (cf. Araújo, 2021a). Saudação feita para aquele que primeiro come na cultura do Axé, agora, posso dizer que o objetivo dessa minha exposição [oral] é tratar de questões ligadas às temáticas que envolvem o candomblé e os direitos humanos na obra do escritor Jorge Amado, meu conterrâneo, que militou desde às primeiras horas no Partido Comunista - Seção Brasileira da Internacional Comunista (PC-SBIC)².

1. O nosso anfitrião, sabiamente, forjou, com o fogo azul de Xangô, a expressão Literatura de Axé para tratar dessa forma amadiana de traduzir a nossa baianidade [bantu-] jeje-nagô; aqui, meu *Agô* ao professor Gildeci de Oliveira Leite e à professora Filismina Fernandes Saraiva.

2. O Partido Comunista - Seção Brasileira da Internacional Comunista (PC-SBIC), também chamado de Partido Comunista do Brasil, sendo, posteriormente, renomeado de Partido Comunista Brasileiro (PCB), fora um partido político brasileiro ligado à Internacional Comunista, tendo por bases ideológicas os princípios da corrente marxista-leninista, com expressiva penetração nos meios sindicais e estudantis do país, sendo fundado a 25 de março de 1922, sob a sigla PCB - Partido Comunista do Brasil, cuja publicação se deu no Diário Oficial da União em 4 de abril de 1922.

Eis aqui a justificativa pela qual o título desse ensaio comemorativo é *Candomblé e direitos humanos na linha de frente das lutas do obá de Xangô da Bahia: um capítulo nos 100 anos do Partido Comunista Brasileiro*. Contudo, a justificação para falar aqui dessas duas temáticas caras ao “engenho e a arte” do grande escritor, laureado com o prêmio Camões de 1994, se deve a duas problemáticas que surgem por causa da sua militância política no Partido Comunista e por conta da forma como seus primeiros trabalhos foram tratados pela crítica literária da época, como sendo material panfletário do comunismo. Ora, se a sua militância comunista é refletida em sua obra, podemos perguntar: como se deu essa militância dentro do Partidão? A resposta para esta pergunta está diretamente ligada ao subtítulo que, por sua vez, procura mostrar como a presença de Jorge Amado foi e é marcante na história do PC-SBIC e do Comunismo no Brasil. Mais adiante, trataremos dessas e outras questões como parte deste *xirê* amadiano, deste acontecimento enunciativo em que relembremos a vida e a obra do mais famoso Obá de Xangô da Bahia nesse centenário do PCB [nessa versão integral do texto, cuja leitura não devia passar de vinte minutos na mesa temática sobre Mitologias e Axé Amadianos].

2. O COMUNISTA FOUCAULT PARA LER O “RUSSISTA”³ BAIANO [OU ENTRE COMUNISTAS]

Feitas essas considerações iniciais, acerca do plano discursivo adotado, cabe agora explicitar a metodologia usada e sua filosofia; ou seja, informar que aqui se faz uma leitura foucaultiana dos fatos e acontecimentos que marcaram a história de dois gigantes: a de Jorge, o Amado, e a do partido que viu nascer e que pertencera desde seus

3. Referência à forma como Franklin Lins de Albuquerque, dono do *Jornal Imparcial*, se referia a Jorge Amado, no período em que ele foi seu funcionário, evitando chamá-lo de comunista, dada a sua aversão ao sistema político adotado na União Soviética (URSS) após a Revolução Russa de 1917 (cf. AMADO, 1981, p.22).

vinte anos, precisamente, quando publica seu primeiro livro *O país do carnaval* (1931), quase no mesmo ano em que ocorre, em São Paulo, a Revolução Constitucionalista de 1932. Neste momento, devo abrir parêntesis para tentar explicar [à audiência] o que entendo por leitura foucaultiana dos fatos e acontecimentos, antes de continuar meu discurso sobre Jorge Amado e os 100 anos de comunismo no Brasil. Primeiramente, tomo as palavras emprestadas de Dreyfus e Rabinow no livro *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*, para dizer que:

Michel Foucault oferece, em nossa opinião, elementos de um coerente e poderoso recurso alternativo de compreensão. Sentimos que seu trabalho representa o mais importante esforço contemporâneo não só de desenvolver um método para o estudo dos seres humanos, mas de diagnosticar a situação atual de uma sociedade. (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 13).

Em outras palavras, Michel Foucault mostrou, com seus empreendimentos e com sua maquinaria arqueogenealógica, meios para tornar possível o que a história, disciplina acadêmica, considerou impossível porque não sabia lidar com o descontínuo na História, na proporção que “a descontinuidade era o estigma da dispersão temporal que o historiador se encarregava de suprimir da história” (Foucault, 1972, p.10). Mas, a escolha de Foucault como meio de leitura sobre os fatos e acontecimentos nas histórias do Menino Grapiúna e do Partido Comunista se deve também a maneira como o autor do livro *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas* usava a literatura em seus empreendimentos e como compreendia o que seria um autor, para pensar os limites daquilo que encarava como discurso, palavra de ordem em suas pesquisas. A respeito disso, Foucault lança uma questão que nos ajuda a pensar o estatuto da literatura e o seu status como práti-

ca discursiva, perguntando: “Como este discurso é modificado em seus esforços pelo fato de ser reconhecido como literário?” (FOUCAULT, 2006, p.63)

Esta questão deve nos servir para pensarmos os modos como a crítica literária brasileira, fundamentada na tradição uspiana, lidava com a obra literária produzida e assinada por Jorge Amado, comentando-a desde *O país do Carnaval* até seu último livro, publicado em vida. Neste caso, pode-se pensar com Foucault (2006) que: “já se tem, então, nisso a verdade de alguma coisa: o fato de que a literatura funciona como literatura graça a um jogo de seleção, de sacralização, da valorização institucional, de que a Universidade é, ao mesmo tempo, o operador e o receptor” (p.59). Por isso, há aqui o interesse em saber que procedimentos e critérios foram usados por esta crítica para tratar das obras amadianas. Por que este e não outro modo de criticá-lo? Por que se diz regionalista ao invés de tratá-lo como um escritor nacional? [...].

Encontramos uma dessas críticas na obra assinada pelo grande crítico literário e professor emérito da Universidade de São Paulo, Alfredo Bosi, intitulada *História concisa da Literatura Brasileira*. De certa forma, ela sintetiza bem o modo como essa crítica, rotulada de brasileira, tratava Jorge Amado, conforme podemos observar na seguinte citação:

Cronista de tensão mínima, soube esboçar largos painéis coloridos e facilmente comunicáveis que lhe franqueariam um grande e nunca desmentido êxito junto ao público. Ao leitor e glutão a sua obra tem dado de tudo um pouco: pieguice e volúpia em vez de paixão, estereótipos em vez de trato orgânico dos conflitos sociais, pitoresco em vez de captação estética do meio, tipos “folclórico” em vez de pessoas, descuido formal a pretexto de oralidade... Além do uso às vezes imotivado do calão: o que é, na cabeça do intelectual burguês, a imagem do *eros* do povo. O populismo literário

deu uma mistura de equívocos, e o maior deles será por certo o de passar por arte revolucionária. No caso de Jorge Amado, porém, bastou a passagem do tempo para desfazer o engano. (Bosi, 1996, p.392).

Ora, o comentário de Bosi (1996) sobre a obra de Jorge Amado nos permite fazer algumas observações a respeito da tradição crítica literária “brasileira” e sua *vontade de verdade*. Aqui, o termo comentário deve ser entendido no sentido que Foucault lhe atribui, ou seja, como sendo “o desnível entre texto primeiro e texto segundo” (Foucault, 1996, p.24-25), permitindo que se construa (indefinidamente) novos discursos, pois “funda a possibilidade aberta de falar” (Foucault, 1996, p.25). De modo análogo, usamos a expressão *vontade de verdade* como um sistema de exclusão “que se impõe a nós a bastante tempo” no lugar da verdade “que ela quer [...] não pode deixar de mascarar-la.” (Foucault, 1996, p.20). Em termos prático, sua forma de atuação ocorre “como prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, ponto por ponto, em nossa história, procuraram contornar essa vontade de verdade e recolocá-la em questão contra a verdade, lá justamente onde a verdade assume a tarefa de justificar a interdição e definir a loucura” (FOUCAULT, 1996, p.20, grifo nosso).

A este momento alguém [na audiência] deve estar se perguntando: e a verdade, onde está ela? Para procurar responder a essa questão e retomar aquilo que o título e o subtítulo expressam, ouçamos Jorge Amado em um excerto de uma entrevista concedida a Álvaro Cardoso Gomes em 1981, no exato momento em que responde a uma pergunta sobre a questão racial, assim: “Foi quando eu passei a viver misturado com o povo da Bahia que o *problema racial* começou a me afetar. Foi sobretudo a minha relação com o povo dos candomblés, vendo a perseguição terrível de que eram objeto os cultos afro-brasileiros” (AMADO, 1981, p.10, grifo nosso).

III WEBINÁRIO ESTUDOS AMADIANOS

Esta fala do escritor se refere a suas memórias no período em que foi morar na Salvador dos anos de 1920, quando o país chegara a um século de sua independência política e ainda tentava se reorganizar com a nova realidade que tinha surgido com o fim do trabalho escravo, institucionalizado desde o período colonial.

A Cidade da Bahia já era um centro urbano de maioria negra e mestiça; ou seja, a população de São Salvador da Bahia já era majoritariamente negra e mestiça desde a época em que foi palco de “uma complexa e perversa hierarquia social baseada na escravidão” que tornou possível o Levante dos Malês em 1835, como aponta os estudos do gigante historiador baiano João José Reis (2012, p.19).

A essa altura da vida, o jovem Jorge, com 14 anos de idade, já tinha começado a trabalhar, primeiro, no *Diário da Bahia* e depois no *Jornal Imparcial*; vivia perambulando nas ruas da Cidade da Bahia, feito um *Exu Tranca rua*, comendo nos botecos, por causa do pouco dinheiro e morando em sobrados antigos onde ratazanas eram suas vizinhas. Portanto, ele não foi apenas expectador ou uma mera testemunha das injustiças sociais de um país que tinha jogado na rua milhares de homens e mulheres *sem eira nem beira* depois de ter trabalhado por anos, ou quase a vida inteira, como seres escravizados. Mas aquela gente sofrida e trabalhadora não perdera a sua humanidade, sua esperança e alegria de viver e fazer amizades. Sobre isso, disse Jorge: “[...] o povo da Bahia é impressionante, é um povo que não falta aos seus amigos” (AMADO, 1981, p.12). Talvez, tenha sido nessa ocasião que chegara à conclusão de que: “Amizade pra mim é a coisa mais importante, é o sal da vida” (AMADO, 1981, p.11). E isso foi retratado em sua obra com a recriação de suas personagens, tendo essa realidade como inspiração e sua experiência pessoal de ser um baiano como aqueles que retratou e recriou numa outra composição, como a personagem Gabriela do ro-

mance *Gabriela, cravo e canela* (1958), que segundo Jorge, é resultado de muitas mulheres [baianas] que conheceu em sua vida. Esta é a verdade que Jorge Amado quis transcrever e transpor para suas obras literárias, tendo em mente que “a literatura tem aquela força de transformar” (AMADO, 1981, p.28). E, a respeito da verdade, está escrito em *Tieta do Agreste*, obra publicada em 1977, que “cada um possui a sua [...]” (AMADO, 1977, p.15).

3. “SER OU NÃO-SER” [OU ENTRE ARISTÓTELES E SHAKESPEARE]: A BAIANIDADE PLURAL DE JORGE

Os tipos que retratou em suas obras, portanto, para nós baianos e baianas ou abaianados como Nina Rodrigues, Artur Ramos, Carybé e Zélia Gattai, existem, como dizemos em baianês, de *verdade verdadeira*, pois os encontramos ainda hoje aqui e ali na Feira de São Joaquim, na Feira de Águas de Menino, no Subúrbio Ferroviário, na Liberdade, no Pelourinho, no Mercado Modelo, no Metrô, em Santo Amaro da Purificação, em Cachoeira de São Félix, no Morro de São Paulo, na Ilha de Itaparica, no Arraial D’Ajuda, na Feira do Malhado em Ilhéus, no bairro de Ferradas, em Itabuna, onde Jorge Amado nasceu... É assim que muitos vivem no anonimato na Bahia. Quem diz que são tipos “folclóricos” ou seres “mitológicos” é porque nunca foi à Bahia, nem a de Jorge, nem a da realidade.

Nesta forma de ver o mundo e o cosmo, o escritor era e é um desses baianos que ultrapassa os limites da realidade, como Padre Antônio Vieira, nascido em Lisboa, mas baiano de criação⁴ Gregório de Matos Guerra, Castro Alves, Maria Quitéria, Ana Néri, Ruy Barbosa, Juliano Moreira, Mãe Aninha, Martiniano Eliseu do Bonfim, Edison e Nelson

4. Famoso por seus célebres *Sermões*, veio para Bahia com apenas 6 anos de idade. Religioso e homem de Estado, serviu a coroa portuguesa nas principais cortes europeias como diplomata, tendo ainda sido confessor da família real portuguesa e convidado a ser pela própria Santidade, o Papa, seu confessor. Morreu aos 89 anos na cidade de São Salvador da Bahia.

Carneiro, Camafeu de Oxóssi (Ápio Patrocínio da Conceição), Irmã Dulce, João Ubaldo Ribeiro, Mestre Caymmi, Mestre Pastinha, Makota Valdina, Caetano Veloso, Maria Bethânia, Gerônimo, Carlinhos Brown e a Oxum mais bonita, Mãe Menininha do Gantois, além do mais antagônico dos baianos, Antônio Carlos Magalhães.

Isso mostra que “A Bahia tem um jeito”, um jeito de ser, como demonstrou Jorge Amado e como observa o eu-lírico de Caetano Veloso na canção *Terra*. Aqui, somos ao mesmo tempo católicos e macumbeiros. Evangélicos também são filhos de santo, algo que extrapola a lógica e a própria metafísica ocidental. Quem é de fora da Bahia nunca iria entender esse nosso modo de ser e de viver. Para nós, ser ou não ser nunca foi uma questão e temos dificuldade de entender essa forma do ocidente pensar, sintetizada pelo poeta e dramaturgo inglês, William Shakespeare, que traduzira para a cultura ocidental aquilo que Aristóteles identificou como *princípio da não-contradição*⁵; pois para nós, “não se trata de ser ou não ser isso ou aquilo, mas de poder ser isso e mais outra coisa, porque somos resultado de tudo isso que a história revela com o auxílio da memória popular, e nossa consciência não pode ignorar.” (cf. ARAÚJO, 2021, p.376). Ao contrário de Jorge Amado que traduziu a nossa forma de ser baianos para o mundo, pois “Tudo, tudo na Bahia/ Faz a gente querer bem”, na tradução de Caetano Veloso. Quando ele diz: “Eu sou materialista, mas meu materialismo não me limita”⁶, isso é um modo de ser baiano, não um modo de ser puramente “amadiano” no sentido ficcional. A crítica que não conhece a Bahia dirá que sim, mas, a figura de Edison Carneiro e a de Martiniano Eliseu do Bonfim

5. Na lógica clássica, “nada pode ser e não ser simultaneamente”, então seria impossível, no caso da cultura baiana, ser cristão e não-cristão (macumbeiro), no caso específico de Jorge, ser ateu e adepto do Candomblé e ter sido comunista e ser amigo de Antônio Carlos Magalhães, político da direita liberal.

6. Esta é a fala de Jorge Amado na entrevista, aqui já referida, mas Pedro Archanjo também enuncia isso em *Tenda dos Milagres*, respondendo ao professor de medicina (personagem, talvez, inspirado em Artur Ramos).

mostram o contrário, porque Pedro Arcanjo nasce deles e do próprio Jorge Amado que nos lembra que foi em companhia de Edison Carneiro e Artur Ramos que ele começou a frequentar os candomblés da Bahia.

Esse modo baiano de ser, fez acontecer um tipo de comunismo, o Comunismo Baiano, pois Jorge Amado levaria suas experiências de homem baiano para suas experiências de homem baiano comunista⁷. Ele e Edison Carneiro são os pais da criança, já que desde as primeiras horas do Partidão começaram a pensar a questão racial como questão social, ou melhor, como questão ligada à exploração da classe trabalhadora, pois a carne mais barata do Brasil era e ainda é a carne negra. E isso se deu num período em que Washington Luís, então presidente da República, dizia publicamente que a questão social era um caso de polícia, contrariando as ideias e os ideais do Marxismo posto em prática na Revolução Russa de 1917.

Foi nesse mesmo período que “a polícia chegava, invadia, prendia” (AMADO, 1981, p.11) o povo dos terreiros de candomblés por causa do preconceito religioso. E isso, como se sabe, foi muito bem trabalhado, primeiro, em *Jubiabá* (1935), depois em *Tenda dos Milagres* (1969). Mas houve um momento em que os comunistas se refugiavam nos candomblés. O próprio Edison Carneiro ficou escondido em um durante algum tempo. Mais tarde, por volta de 1943 e 1944, era Jorge Amado que ia a polícia buscar as armas de santo e as coisas do candomblé que a polícia aprendia em suas constantes invasões, tomando os emblemas sagrados que o escritor militante logo os recuperava para os devolver.

Essa amizade entre o povo de candomblé com os jovens comunistas frutificou, contribuindo com as lutas que mais tarde seriam reconhecidas como parte dos Direitos Humanos com o aparecimento das

⁷ Durante algum tempo, a direção do velho Partidão ficou na Bahia, por conta das perseguições que sofreu no período do Estado Novo.

Nações Unidas, como o direito à liberdade religiosa e a igualdade racial. Daí por que foi agraciado com tantos títulos em diversos terreiros de Candomblés da Bahia, como o de Ogã de Oxóssi na casa do pai de santo Procópio, o de Obá de Xangô no Axé Opô Afonjá, o de Ogã de Iansã no Candomblé da Goméia, para citar alguns (cf. AMADO, 1981, p.11).

Apesar disso, a crítica ainda continua rotulando a obra de Jorge Amado de regionalista, sendo que suas lutas, retratadas em suas obras, são reconhecidas mundialmente como universais. A sua militância política no velho Partidão que completou agora um século, em 25 de março, é um capítulo grandioso em volumes significativos pelas lutas que participou juntamente com Edison Carneiro, Raquel de Queiroz, Marighela, Clóvis Moura, Luiz Carlos Prestes... Além disso, os livros: *Os subterrâneos da liberdade* e *Farda, Fardão e Camisola de Dormir* fazem, em termos foucaultianos, o diagnóstico do presente da época do Estado Novo, período no qual Jorge foi várias vezes preso por lutar pela democracia, pela classe operária, pelos trabalhadores em geral, pelo povo, pela cultura, pelas liberdades individuais e religiosas.

Assim, esses livros são frutos dessas suas lutas, dessa sua militância política, da experiência vivida e adquirida nesse período de turbulência em que se deu a ditadura do Estado Novo. Portanto, “são obras típicas de um stalinista”, no dizer do próprio Jorge (cf. AMADO, 1981, p.28). Mas como não ser, se toda a geração de 1930 acabou sendo tocada pela Revolução Russa de 1917, pela psicanálise e pelo cinema?

Amado também escreveu a biografia de Luís Carlos Preste, intitulada *O cavaleiro da esperança*, um livro que “foi útil à anistia e, de certo aspecto, ao Brasil” (AMADO, 1981, p.29).

Já a sua curta carreira política como parlamentar constituinte, em 1946, nos legou a lei que assegura a liberdade religiosa tão cara a nossa frágil e jovem democracia e tão cara a nossa baianidade. Mas, Jorge

Amado reconheceu que durante muitos anos, foi “um militante político e pensava muito pela cabeça dos outros”. Não leu *O Capital* do velho Marx nem foi teórico, tendo sido apenas um homem que lutou e lutava por causas justas. E isso basta.

Quando lemos sua obra podemos ver o quanto suas lutas estão presentes em cada palavra, parágrafo, capítulo. Quando olhamos sua trajetória no espaço-tempo, percebemos o quanto sua obra possibilitou o aparecimento de teorias, de teses, de grupos de movimentos civis, como o das feministas italianas batizado de Teresa Batista por elas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS [LARÓYÈ É UM]⁸

Como dito inicialmente, este ensaio comemorativo, escrito para celebrar o centenário do PCB e, ao mesmo tempo, para homenagear um de seus membros, o escritor e militante baiano, Jorge Amado, lançou mão da maquinaria teórica de Foucault por meio dos termos: *vontade de verdade*, *comentário*, *discurso*, *autoria*, *obra*, *descontinuidade* na continuidade e *dispersão* com a finalidade de refletir sobre a relação entre o autor e a obra que envolve a sua militância política durante o período do Estado Novo, mais a forma como a crítica literária brasileira o recepcionou, utilizando a sua *vontade de verdade*. A justificação para usar Foucault, nessa leitura, se deve a dois fatos, que não foi devidamente explicado *a priori*. Um diz respeito a maneira como ele lidou com os textos literários em suas pesquisas arqueogenealógicas, sendo obrigado a tratar de questões ligadas à autoria, ao estatuto do texto literário e à obra. O outro fato diz respeito sobre a discussão em torno da verdade e a *vontade de verdade*. Mas, esta escolha por Foucault também tem a ver com a sua militância política no Partido Comunista Francês, ao modo como ele pensava qual era o papel do intelectual, e, ainda,

8. Tradução: “trabalho feito” (Concluído)! [Oferenda realizada].

por uma questão de economia teórica, já que não precisamos criar uma maquinaria teórica própria para lidar com a obra de Jorge Amado. Esta economia nos permite ainda fazer comentários tanto de Jorge Amado quanto de Foucault, ou seja, ao comentar a obra de Jorge Amado, usando a maquinaria teórica de Foucault, também tecemos comentários a respeito dela.

Contudo, ao longo de toda essa exposição, o termo discurso não teve a devida atenção, pois o seu sentido ficou em suspenso. Agora é hora de revelá-lo, reconhecendo antes que: sua produção “é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 1996, p.8-9). Dentro desse jogo, o discurso não é apenas “constituído por um conjunto de sequência de signos” (FOUCAULT, 1972, p.125), nem “aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p.10). Por esta razão, “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (FOUCAULT, 1996, p.52). O termo foi usado, neste interstício, para se referir tanto às obras de Jorge Amado, quanto aos seus comentários sobre elas nas diversas entrevistas que concedeu ao longo do curso de sua vida. Neste caso, ele se assemelha ao *discurso verdadeiro* pronunciado pelos poetas gregos do século IV, “pelo qual se tinha respeito e terror” (FOUCAULT, 1996, p.15). Em contrapartida, os discursos que dizem respeito à crítica literária e sua forma de tratar as obras amadianas, foram tomados, nessa exposição (comentário), como contradiscursos ou vice-versa, e, como foi dito antes, esses discursos impõem uma *vontade de verdade* que busca usurpar o lugar da própria verdade, para controlar e conjurar os poderes de certos discursos, como o do Obá de Xangô da Bahia que contém verdades, assumidas por meio de uma posição que contrariava

tanto a elite política do país quanto a sua elite intelectual, com “uma posição do autor ao lado do povo”, que é a mesma em toda a sua obra. (AMADO, 1981, p.29).

Mas “o que é um autor?” (FOUCAULT, 2001, p. 264). Esta questão enunciada por Foucault em 1969, na Sociedade Francesa de Filosofia, nos convida a pensar a autoria como relação entre autor e obra. Aqui, ela é um convite para refletir sobre a vida do autor, sua obra e o modo como a crítica literária tratava cada um deles, tendo em mente que quando se homenageia alguém é porque se reconhece seus feitos, suas obras. Por outro lado, o limite entre vida e obra em Jorge Amado é muito tênue e complexo para se enquadrar naquilo que Foucault considera como uma função (o autor), porque o escritor baiano se assemelha aos poetas gregos, como dito antes; posto que, em Amado, vida e obra contêm verdades, mas uma é o reflexo da outra, tendo “o engenho e a arte” como meio da *performance* discursiva acontecer de forma poética, política e literária, como verbo de ligação que liga o *sujeito* (função) ao seu atributo ou ao seu estado de ser. Neste caso, cabe observar que bastou a passagem do tempo para confirmar a permanência de Jorge Amado, de sua eternidade confundida com a nossa baianidade ou com a vadiagem de Vadinho, o Exu Namorador, como bem sinalizou aqui Félix Ayoh’Omidiré (2021), e para fazer a verdade desmascarar a *vontade de verdade* da crítica literária. E esta ação do tempo que fez a crítica literária parecer boba e parcial, deixa no ar a questão: o que é a crítica literária? E, por consequência, se pergunta: o que é a verdade? Ora, “‘a verdade’ está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. ‘Regime’ da verdade” (Foucault, 1979, p.19). Por este ponto de vista, um autor do povo que viveu entre e com seu povo encontra-se numa posição que contraria “a verdade”, porque, antes contraria o poder. O candomblé como religião do povo da Bahia contraria que verdade?

III WEBINÁRIO ESTUDOS AMADIANOS

Enfim, homenagear o Partidão aqui foi uma forma de também homenagear Jorge Amado e todos aqueles que lutaram e lutam contra “as verdades” que separam e excluem o povo do poder. Como quis considerar essa exposição como uma leitura foucaultiana sobre a obra de Jorge nessa dupla homenagem, acabei falando mais sobre Foucault do que dos Direitos Humanos, do Candomblé e da crítica. Isso não foi intencional, mas circunstancial. Precisaria mais de tempo para falar do comunismo baiano e tratar de expor mais as ações políticas de Jorge Amado como militante da Juventude Comunista e como deputado constituinte. Certamente que tais ausências não irão provocar graves prejuízos, pois essas lacunas possibilitam mais abertura a esta exposição que, no fim das contas, trata-se de um breve *comentário*, em sua forma de homenagem dupla, que, em tese, poderá contribuir ainda mais para manter a memória e a obra de Jorge Amado viva em nós, nessa e nas próximas gerações, como tem sido feito nos últimos anos aqui no Webinário de Estudos Amadianos e em outros espaços consagrados à obra e à vida do nosso amado, Amado que se definia assim: “Eu sou, no fundo e sobretudo, um romancista de vagabundos e putas...trabalhadores.” (AMADO, 1981, p.29).

[...] Aqui, deixo uma explicação sobre a parte teórica que ficou para o final, porque quis que a exposição encarnasse o jeito amadiano de prosear, narrando suas histórias no curso da vida, da existência no espaço-tempo que sempre se apresenta como presente frente ao acontecimento da vida e da morte.

Os colchetes foram usados no lugar dos parêntesis para decodificar um modo decolonial de se expressar por meio da escrita rasurada, cujo traço é um meio de marcar a nossa existência ameríndia, afro-latino-americana na encruzilhada do Atlântico Sul em meio a *dispersão* e a *descontinuidade* [na diferença].

Mojubá!

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **O cavaleiro da Esperança**: vida de Luís Carlos Preste. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- AMADO, Jorge. Entrevista biográfica: É preciso viver ardentemente. In.: AMADO, Jorge. **Jorge Amado**. Seleção de textos, notas, estudos biográficos, história e crítico e exercícios por Álvaro Cardoso Gomes. – São Paulo: Abril Educação, 1981.
- AMADO, Jorge. **Farda, fardão e camisola**. – Rio de Janeiro: Record, 1979.
- AMADO, Jorge. **Tieta do Agreste**. – Rio de Janeiro: Record, 1977.
- ARAUJO, Alex Pereira de. A ordem do discurso de Michel Foucault: 50 anos de uma obra que revelou o jogo da rarefação dos sujeitos e a microfísica dos discursos. **Unidad Sociológica**, Buenos Aires, v.5, n. 19 — junho/setembro, 2020, p. 14-23. Disponível em:< http://unidadesociologica.com.ar/UnidadSociologica_19.pdf>. Acesso: 6 de agosto, 2022.
- ARAÚJO, Alex Pereira de. Exu: the language as a crossroad in black diasporic culture(s). **Academia Letters**, San Francisco-CA, Article 3098, 2021a, p.1-6. Disponível em: <https://www.academia.edu/51100240/Exu_the_language_as_a_crossroad_in_Black_diasporic_culture_s_>. Acesso: 6 de agosto, 2022.
- ARAUJO, Alex Pereira de. O Candomblé e a desconstrução da noção de sincretismo religioso: Entre utopias do corpo e heterotopias dos espaços na Diáspora Negra. **Abatirá - Revista De Ciências Humanas E Linguagens**, Eunápolis-BA, v. 2 – n. 4, 2021b, p. 357-388. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/13036>>. Acesso: 6 de agosto, 2022.
- AYOH'OMIDIRÉ, Félix. A yorubaianidade de Jorge Amado e o triunfo dos orixás nagô — yorubanos na literatura brasileira. In.: OLIVEIRA LEITE, Gildeci; SARAIVA, Filismina Fernandes; PRADO, Thiago Martins Caldas (Org.). **II Webinário estudos amadianos: 20 anos de permanência**. — Salvador, BA: Quarteto Editora, 2021.p.17-43.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. – São Paulo: Cultrix, 1996.
- DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução de Vera Portocarrero. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. “Desembaraçar-se da filosofia”. In. R. Pol-Droit, **Michel Foucault: entrevistas**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006, p.55-65.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France: pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraça de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996. (Coleção Leituras Filosóficas).

III WEBINÁRIO ESTUDOS AMADIANOS

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves; revisão técnica de Lígia Vassalo. – Petrópolis-RJ: Vozes; Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1972.

REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos Malês em 1835**. – Edição revista e ampliada. – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.